

## **Terminologia e tradução de textos especializados: da equivalência conceptual às convenções fraseológicas**

Helena MANUELITO e Isabel Rego SANTOS  
(Universidade Aberta)

O presente texto aborda, entre outros aspectos, o papel das convenções fraseológicas e a problemática da equivalência conceptual como fenómenos de reconhecida importância para o exercício da Terminologia na óptica da Tradução, traçando os contornos essenciais dos processos específicos abordados.

### **Breve perspectiva diacrónica**

Gostaríamos, desde logo, de referir que os percursos evolutivos da Terminologia e da Tradução surgem, em muitas situações, estreitamente associados, em virtude do desenvolvimento de ambas as disciplinas ser tributário de necessidades e de preocupações de carácter plurilinguista. Com efeito, é a partir do Renascimento, com o emergir e o sublinhar de tais preocupações, que a ideia da Terminologia, como área específica do conhecimento, começa lentamente a tomar forma.

Procurando ilustrar o antigo e estreito relacionamento entre Terminologia e Tradução, Diane Potvin recua ao século XVII, referindo o caso de Pierre Daniel Huet (1630-1672), humanista e físico, que, ao equacionar um conjunto de problemas colocados pelas terminologias no campo da tradução, demonstrava já nessa época ter uma apurada consciência terminológica<sup>1</sup>. É, certamente, um exemplo de como a reflexão terminológica caminhou a par de necessidades impostas pela tradução.

Por outro lado, podemos mencionar alguns nomes cujos contributos foram, no século XVIII, essenciais para o eclodir da posterior cientificação do conceito de Terminologia. A título meramente ilustrativo, basta citar os trabalhos dos enciclopedistas D'Alembert e Diderot ou ainda de Guyton de Morveau, Lavoisier e Berthollet<sup>2</sup>. No século seguinte, destacar-se-iam as influências da Sociedade Técnica Russa e de personalidades como V. M. Severgin e Ja. D. Zaharov<sup>3</sup>.

Foi preciso, no entanto, esperar pelos anos 30 do século XX para, com o austríaco Eugen Wüster, começarem a ser efectuados trabalhos de investigação terminológica com carácter de sistematicidade. Este autor definiu, então, os grandes vectores metodológicos e os postulados fundamentais daquela que é, na actualidade, uma disciplina que afirma a sua individualidade teórica e defende o reconhecimento de um estatuto de autonomia epistemológica<sup>4</sup>.

A Terminologia afasta-se, porém, hodiernamente, de alguns pressupostos wüsterianos, fazendo um uso crescente de instrumentos de análise da Linguística, particularmente da linguística de *corpora*, no âmbito da qual estrutura, em parte, o seu corpo doutrinário; apresenta – é preciso sublinhá-lo – uma natureza marcadamente interdisciplinar, assimilando influências das Ciências Cognitivas, da Lógica, da Ontologia, das Ciências da Linguagem e da Comunicação, da Engenharia do Conhecimento e do Tratamento Automático das Línguas; utiliza, como meios auxiliares da maior relevância, a Estatística e a Informática.

Tendo os seus domínios privilegiados de aplicação na organização/sistematização de áreas especializadas do saber, a Terminologia assume um papel insubstituível na Documentação, na Normalização, no Ensino de Línguas de Especialidade, na Redacção Técnica e na Tradução. No

mundo globalizante em que nos enquadrámos, tal disciplina contribui, de forma insubstituível, para o estabelecimento de eficazes estratégias de política de língua, salvaguardando a preservação da diversidade linguística e a manutenção da identidade cultural dos povos.

Pelo seu papel facilitador das transferências entre línguas, de acordo com as exigências de comunicação do mundo moderno, e pelas questões colocadas pela transposição de termos de uma língua para outra, com a conseqüente exigência de rigor nas equivalências encontradas, a Terminologia é hoje uma disciplina actual e incontornável e um fenómeno sociolinguístico de considerável importância.

## **Terminologia e Tradução: convenções fraseológicas e equivalência conceptual**

No seu sentido mais amplo, a tradução, enquanto tratamento de conteúdo interlinguístico, é comumente definida como sendo a expressão de um texto-fonte (redigido numa língua A) num texto-alvo (produzido numa língua B), que se pretende que seja de conteúdo e de extensão semelhantes ao primeiro, isto é, seu equivalente nos aspectos considerados pertinentes<sup>5</sup>.

Desta forma, na concretização da referida equação entre texto de partida e texto de chegada, um dos factores que assume importância nuclear é a pesquisa de equivalências, ou seja, o estabelecimento de uma correspondência válida entre elementos que a nível linguístico, psicológico, social, cognitivo, cultural, estético, formal, apelativo, emotivo, etc., adquiram a mesma função de representação e de comunicação no texto B que detinham no texto A, de que se partiu.

No que diz respeito à tradução de textos especializados, objecto da nossa reflexão, é hoje progressivamente desmistificada a ideia do seu carácter de subalternidade face a outros géneros de tradução, nomeadamente face à tradução do texto literário.

Alguns argumentos são habitualmente chamados à colação em defesa desta perspectiva. Por um lado, é costume aduzir-se como veredicto as leis mercado, factor exógeno legitimador da importância deste tipo de tradução, visto esta ocupar em termos quantitativos o essencial da actividade do tradutor; por outro, um número cada vez maior de vezes se ergue a condenar a tradicional convicção de que a tradução do texto literário é um exercício intrinsecamente mais difícil e nobre do que o de tradução do texto especializado<sup>6</sup>.

Pese embora toda a distinção que possa ser operada entre tradução de textos especializados e tradução de textos literários<sup>7</sup>, é indesmentível que a prática da tradução técnica<sup>8</sup> a um nível de mestria envolve processos de grande complexidade linguística, salientados, entre outros, por Monika Doherty, Mary Snell-Hornby ou Catherine Fabricius-Hansen<sup>9</sup>.

Ademais, tal actividade de tradução não é um exercício culturalmente neutro. De facto, o conjunto das estratégias comunicativas, dos códigos implícitos e dos sistemas de valores associados a determinada língua perpassam também no texto de especialidade e devem ser devidamente transpostos para o texto de chegada, num esforço de "localização", isto é, de adequação aos dados culturais subjacentes à língua-alvo<sup>10</sup>.

Concordamos, por isso, com Silvia Montero-Martinez quando esta demonstra que a tradução de textos especializados envolve não só a dimensão da transferência de sentido mas também a da transferência de comunicação, assumindo importância fundamental em todo o processo a conciliação entre as imposições ditadas por um dado sistema linguístico e as normas comunicativas vigentes em determinado campo do saber. Tal como refere esta autora, «technical translation

should be not only concerned with transmitting meaning but also with the transference of communication in such aspects as, for example, following the terminological and phraseological conventions of the field in question»<sup>11</sup>.

É certo que toda a língua de especialidade utiliza as mesmas regras de combinação/ordenação sintáctica dos signos que o sistema linguístico em que se inscreve, mas cada discurso de especialidade faz uso de determinadas fórmulas preferenciais de conjugação de vocábulos no eixo sequencial ou sintagmático<sup>12</sup>. Com efeito, caracterizado por um funcionamento sintáctico particular, cada termo apresenta um comportamento discursivo típico, combinando-se habitual e regularmente quer com dados termos quer com determinados elementos lexicais (nomes, verbos, adjectivos) que marcam frequentemente a sua ocorrência textual. Tais combinações lexicais especializadas, quais elementos discursivos pré-codificados, assumem importância determinante na tessitura do discurso de especialidade e contribuem para manter a coesão lexical do texto.

Os elementos que participam de uma combinação lexical especializada não podem ser livremente substituídos por outros sem ser prejudicada a conectabilidade dos conceitos de dado campo do saber e a autenticidade, idiomaticidade, naturalidade e idiossincrasia que perpassam na sua expressão linguística. As restrições que condicionam o respectivo uso faz com que estas combinações coloquem sérias dificuldades ao nível da codificação, pois não são nem directa nem literalmente transponíveis de língua para língua.

A Terminologia deve, assim, estudar as convenções fraseológicas próprias de cada discurso de especialidade, conferindo-lhes um lugar de destaque na concepção nos produtos terminográficos de ajuda à tradução<sup>13</sup>. Esta é, aliás, a convicção e a perspectiva defendida pela maior parte dos autores que na actualidade reflectem sobre a adequação da investigação terminológica às necessidades reveladas pelos estudos de tradução.

A par destas dimensões de natureza discursiva, existe uma vertente do texto especializado cujo domínio por parte do tradutor não pode ser contornado e que, devido à sua importância crucial, não pode ser olvidada ou escamoteada: diz respeito à função atribuída ao discurso especializado de construção/representação de um saber de carácter específico<sup>14</sup>.

Com efeito, na actividade particular de tradução de textos especializados, o tradutor terá de concentrar cuidadosamente a sua atenção na vertente cognitiva do texto, em nome do rigor e da precisão que o produto do seu trabalho deve apresentar. Assim, os conceitos, elementos do plano conceptual, expressos em termos discursivos pelas denominações, emergem como um dos factores mais significativamente pertinentes do texto especializado.

Segundo Rostilav Kocourek, dar conta do conteúdo cognitivo de um texto pressupõe uma atitude de fidelidade total ao texto de partida, num esforço de exprimir, num texto de chegada, "todo o seu conteúdo e só o seu conteúdo", sem omissões, perdas ou ganhos semânticos<sup>15</sup>.

Embora deva ser salvaguardado o radicalismo de tal posição, podemos sem dúvida afirmar que um dos principais desafios idealmente atribuíveis ao exercício quer da terminografia multilingue quer da tradução técnica consiste na pesquisa de termos-alvo idênticos ao termo-fonte em todos e cada um dos seus traços semânticos, ou, para se ser mais realista, que pelo menos possam veicular no texto de chegada a mesma acepção que actualizavam no contexto de que se partiu, transmitindo aí as mesmas cambiantes comunicativas.

Desta forma, entre os dois termos deve verificar-se uma ampla concordância conceptual para que possa considerar-se efectivamente atingida a expressão do conteúdo cognitivo do texto original e, por consequência, verdadeiramente concretizada a relação de equivalência.

Conceito-chave da lexicografia interlinguística, a problemática da equivalência permanece, assim, como uma das questões mais centrais e simultaneamente mais polémicas comuns à traductologia e à terminologia plurilingue<sup>16</sup>.

Uma das maiores dificuldades inerentes à concretização do trabalho terminológico plurilingue, com a qual o tradutor também se debate, reside justamente no facto de cada língua efectuar de um modo diferente a classificação conceptual da realidade – cada sistema linguístico apropria-se, filtra e exprime o real de forma própria – não podendo haver, para alguns referentes ou conjuntos de referentes, uma classificação baseada na «coisa em si», que possa assumir uma validade universal.

Tal fenómeno, sistematicamente descrito e analisado pela lexicologia contrastiva, embora assuma especial relevo no âmbito da língua geral<sup>17</sup>, encontra também eco no contexto das línguas de especialidade<sup>18</sup>, manifestando porém nesse âmbito contornos menos marcantes. Com efeito, em língua de especialidade esta problemática ganha maior ou menor acuidade consoante a natureza do domínio do conhecimento em causa for mais concreta, objectiva e universal (ex. das ciências naturais e exactas) ou mais dependente de processos históricos e culturais, característicos de realidades nacionais (ex. das ciências humanas e sociais).

Se entre os terminólogos se verifica um particular consenso quanto ao facto de nas línguas de especialidade a comparação interlinguística se realizar com maior facilidade do que na língua geral<sup>19</sup>, sendo mais provável encontrarmos nesse âmbito equivalentes verdadeiros ou absolutos, é também um dado corrente que terminologias como as que representam os sistemas administrativo e educativo, ou os diversos subdomínios do Direito, decorrentes de ordenamentos jurídicos particulares, colocam difíceis questões quanto a um correcto e adequado estabelecimento de equivalentes<sup>20</sup>.

É um dado universalmente aceite que de língua para língua se observam grandes diferenças nas organizações conceptuais dos sistemas jurídicos. Há, efectivamente, conceitos próprios de cada sistema jurídico, que não são facilmente transponíveis para uma língua diferente daquela em que foram originariamente formulados. A explicitação das mesmas normas jurídicas nas diversas línguas reflecte diferenças de ordem gramatical e ideológica que demonstram a relatividade do processo de equivalência. Em última análise, tal fenómeno surge como uma das principais dificuldades para uma interpretação unívoca do Direito Comunitário Europeu.

Obstáculos como os que temos vindo a realçar não surgem unicamente em áreas como o Direito e ou mesmo a Administração, como faz notar Heribert Picht, mas emergem também da comparação interlinguística de terminologias tecnológicas e científicas, onde com frequência se constata divergências conceptuais entre diferentes sistemas linguísticos<sup>21</sup>. Daqui se conclui que não obstante as diferenças interlinguísticas encontrarem especial relevo nas terminologias jurídicas, tal fenómeno não é, no entanto, exclusivamente característico da realidade do Direito, encontrando uma expressão genérica nas línguas de especialidade.

Desta forma, ao procurarmos um equivalente para exprimirmos numa língua diferente da nossa um determinado conceito pertencente a um domínio do saber específico, não raras vezes vamos encontrar uma denominação que remete para uma noção que comporta um maior ou menor número de aspectos do que a noção de que partimos. Nestas situações, encontram-se geralmente equivalentes aproximativos, cujas marcas distintivas devem ser devidamente explicitadas nos produtos terminográficos através de comentários, esclarecedores das aproximações dos conceitos nas duas línguas e, sobretudo, identificadores das diferenças.

Em nossa opinião, na medida em que cada denominação é moldada por determinada perspectiva que se quer transmitir da realidade extralinguística, observando-se raras vezes a existência de equivalências absolutas, consideramos a designação de *correspondente* preferível à de equivalente, pois a primeira não deixa supor, ao contrário do que acontece com a última, uma sobreposição total ou uma relação biunívoca entre todos e cada um dos semas/sememas que definem o conteúdo semântico dos lexemas colocados em correspondência nas diversas línguas.

Procurando traduzir este fenómeno, cuja recorrência assinalam, os tradutores canadianos optam por chamar «equivalência funcional» às situações de equivalência que pressupõem soluções aproximativas, em virtude de ocorrerem conceptualizações diferentes no âmbito de distintos sistemas linguísticos, enquanto Pierre Lerat utiliza «traduisants», na acepção que Z. Kalonji confere a esta mesma realidade<sup>22</sup>.

Diferentes tipos de equivalentes são reconhecidos e distinguidos pelos diversos autores, numa gradação que vai da equivalência total ou plena à inexistência de equivalência, passando pela equivalência parcial, caso em que são normalmente destacadas a intersecção e a inclusão.

Quando a realidade a denominar só existe na língua de partida, estando o conceito exclusivamente presente nessa mesma língua, ou quando diferenças substanciais afastam as noções em causa nos diversos sistemas linguísticos, a situação de ausência de uma equivalência perfeita ou de total vazio terminológico não é, contudo, inultrapassável. O tradutor, nestas circunstâncias de existência de lacuna vocabular, tem ao seu dispor um conjunto de recursos linguísticos que lhe permitem encontrar equivalências relativas, pois, tal como afirma Szende, a denominação de uma mesma realidade pode ser obtida por caminhos linguísticos diferentes em línguas diferentes e embora muitas palavras, tomadas isoladamente, não possam ser traduzidas de forma satisfatória, todas as frases são passíveis de o ser<sup>23</sup>.

Na verdade, as línguas utilizam amiúde meios lexicogénicos e terminogénicos diferentes para encontrar designação para as mesmas realidades nocionais: em circunstâncias em que umas favorecem processos morfológicos, outras exploram recursos sintácticos, suprimindo com frequência no eixo sintagmático as falhas e omissões apresentadas pelo paradigmático<sup>24</sup>.

Desta forma, confrontados com exemplos concretos de lacunas lexicais e nas situações em que não é possível encontrar na língua de chegada uma unidade neológica simples adequada, os tradutores e os terminólogos recorrem normalmente a paráfrases explicativas e a glosas contextuais, sendo ainda usual socorrerem-se de empréstimos ou mesmo de decalques procedentes da língua de partida.

Os tradutores de textos especializados são, efectivamente, os produtores de uma grande quantidade da literatura especializada que circula na nossa sociedade da informação e, nessa medida, são os principais responsáveis pela criação e pela circulação, na língua, de um número bastante elevado de neónimos que, ao surgirem por escrito num contexto real de comunicação, adquirem uma aura de legitimação, de valorização e de consagração, facilitadora da aceitação, implementação e propagação natural e espontânea no discurso especializado<sup>25</sup>.

Na criação neonímica devem observar-se os modelos pré-existentes, evidenciados pelas matrizes terminogénicas características de determinadas línguas de especialidade, reveladores das convenções que presidem à combinação preferencial de palavras e à construção de termos em dado campo do conhecimento.

Por fim, gostaríamos ainda de chamar a atenção para os elementos fornecidos pela socioterminologia. Ao equacionarem a capacidade de adequação do novo termo à situação de comunicação em que vai ser aplicado e ao esclarecerem as condições socioculturais que permitem

prever o seu sucesso/insucesso de implementação, tais elementos desempenham, de igual modo, uma função determinante na criação de neónimos com elevadas potencialidades de aceitação.

## Conclusões

Hodiernamente, com a valorização crescente dos conceitos de pluralidade linguística e de interculturalidade, factores considerados enriquecedores no plano civilizacional global, a terminologia desempenha uma função imprescindível na representação, na comunicação e na transferência de conhecimentos especializados.

Enquanto sistemas devidamente estruturados de denominações, relativos à expressão multilingue de sistemas conceptuais particulares, as terminologias plurilingues permitem ultrapassar as "barreiras" linguísticas, estabelecendo "pontes" entre as diversas línguas de uma forma racionalizada e planificada, contribuindo decisivamente para a eficácia, transparência e optimização da comunicação especializada.

Tal como refere Sandrine Olejnik, a profusão da literatura técnica multilingue deixou de poder ser traduzida a um nível de excelência sem uma utilização sistemática das terminologias apropriadas<sup>26</sup>. Nesta medida, a Terminologia, contribuindo para a qualidade dos tecnolectos, transforma-se na própria pré-condição da conquista dos mercados. Uma boa tradução é um veículo promotor das relações internacionais, da boa colaboração e do incremento da cooperação entre os povos.

Os produtos terminográficos multilingues devem, assim, assegurar, por um lado, a observância das convenções fraseológicas que garantem a idiomaticidade dos discursos, por outro, o estabelecimento de correspondências que permitam, de forma correcta, as supracitadas funções de representação, comunicação e transferência de conhecimentos especializados.

Ademais, numa perspectiva de política de língua, devemos sublinhar o papel fundamental desempenhado pelas terminologias multilingues, por exemplo, na construção democrática do espaço da União Europeia, que se deseja verdadeiramente participado pelos diversos membros e de real integração cultural. Concordamos, assim, com Rute Costa, quando esta afirma a natureza simbólica e cultural dos produtos terminográficos: «Les dictionnaires terminologiques, même s'ils ne sont pas souvent utilisés par une partie du public auxquels ils se dirigent – les spécialistes du domaine – ont une valeur symbolique et culturelle indéniable qui justifient en soit leur élaboration malgré leurs coûts élevés»<sup>27</sup>.

Cremos, portanto, que é possível afirmar-se que, como instrumentos fundamentais de ajuda à preservação, ao desenvolvimento planificado e à eficaz promoção das distintas línguas nacionais, as terminologias contribuem para a concretização do princípio democrático da diversidade linguística e cultural.

## Notas

<sup>1</sup> Cf. Diane Potvin, «Le terme et sa famille lexicale» in *Travaux de Terminologie*, nº 2, Québec, Université Laval, Junho, 1982, p.98.

<sup>2</sup> Cf. Alan Rey, *La terminologie: noms et notions*, Paris, Puf, 1979, pp. 4-6.

<sup>3</sup> Cf. Guy Rondeau, *Introduction a la Terminologie*, 2ª ed., Québec, Gaetan Morin Éditeur, 1984, pp. 5-6. <sup>4</sup> Não gostaríamos de deixar de referir que o estatuto a atribuir à Terminologia no seio da Ciências da Linguagem e da Comunicação é, ainda hoje, uma questão controversa, que divide a comunidade científica. No que nos diz respeito, reconhecemos à Terminologia um corpo teórico próprio, suficientemente desenvolvido, e um aparelho metodológico particular, coerente e bem definido. Na mesma linha de opinião, Jean-Claude Boulanger e Marie-Claude L'Homme afirmam: «La terminologie a maintenant atteint le stade de la maturité certaine qui en fait l'une des composantes essentielles des sciences du langage. (...). Elle possède maintenant les indispensables fondements théoriques et méthodologiques qui personnalisent une science» - Jean-Claude Boulanger e Marie-Claude Homme, «Les technolèctes dans la pratique dictionnaire générale: quelques fragments d'une culture» in *Meta*, vol.36, nº 1, Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, 1991, p. 23.

Não obstante uma multiplicidade de contributos como o atrás citado, a afirmação da Terminologia no seio das Ciências da Linguagem é um dos mais importantes desafios que esta disciplina enfrenta actualmente, a par de proclamadas exigências de renovação metodológica e teórica, que confluem em acesos e polémicos debates. Embora dentro do paradigma positivista de Ciência em que nos encontramos o consenso sobre teorias e métodos das disciplinas académicas seja normalmente visto como índice da sua maturidade científica, gostaríamos de chamar a atenção para o facto de, em nossa perspectiva, a controvérsia argumentativa ser um factor impulsionador do desenvolvimento científico das áreas do conhecimento. Esta é também a posição de Sandra Halverson, que transpõe esta questão para o âmbito da Traductologia (Cf. Sandra Halverson, «Translation studies and representative corpora: establishing links between translation corpora, theoretical/descriptive categories and a conception of the object of studie» in *Meta*, vol. 43, nº 4, Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, 1998, p. 2).

<sup>5</sup> Cf. Rostilav Kocourek, *La langue française de la technique et de la science*, Paris, La documentation Française, 1982, p.180.

<sup>6</sup> Cf. Diana Santos, «Impacto das Novas Tecnologias. O computador e a tradução» in [http://www.nca.pt/premio.traducao/trabalho/seminario99/diana\\_santos.htm](http://www.nca.pt/premio.traducao/trabalho/seminario99/diana_santos.htm), 1999 (04-03-2002).

<sup>7</sup> Não queremos deixar de chamar a atenção para o facto de se afirmar actualmente uma tendência que procura esbater a distância entre tradução de texto especializado e tradução de texto literário. A título exemplificativo, podemos mencionar os nomes de Silvia Montero-Martinez, Pedro A. Fuertes-Olivera e Mercedes García de Quesada que, tendo por referência Seleskovitch, são defensores de tal perspectiva: «technical translators should confront demands similar to those of literary translators: they should be concerned not only with transmitting meaning but also with the transference of communication. In other words, technical and literary translators must decide how they can reconcile the linguistic constraints imposed by a particular language with the communicative expectations found in a particular domain» (Cf. Silvia Montero-Martinez *et ali.*, «The translator as "Language Planner": Syntactic Calquing in an english-spanish technical translation of chemical engineering», in *Meta*, vol 46, nº 4, Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, 2001, pp. 693).

<sup>8</sup> De "tradução especializada" a "tradução científica", diferentes denominações são correntemente utilizadas para designar a actividade de tradução no âmbito do discurso especializado. Sem querermos comentar aprofundadamente a utilização de tais expressões, gostaríamos de manifestar a nossa preferência pela utilização de "tradução de textos especializados", que consideramos mais adequada para designar o fenómeno em causa. No entanto, por razões de ordem estilística, e à semelhança do que é normalmente convencional neste domínio, utilizaremos também "tradução técnica" na acepção atrás esclarecida.

<sup>9</sup> Cf. D. Santos, *ob.cit.*

<sup>10</sup> Cf. *Ibid.*

<sup>11</sup> S. Montero-Martinez *et ali.*, *ob.cit.*, p. 687.

<sup>12</sup> Cf. Helena Manuelito, *A terminologia da franquia, franchise ou franchising – a problemática da ambiguidade num vocabulário não harmonizado*, Lisboa, F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa, 1995, p. 24 – tese de mestrado policopiada.

<sup>13</sup> No(s) aparelho(s) teórico(s) da Lexicologia e da Terminologia, a investigação e o estudo das combinações lexicais especializadas não é um campo de reflexão que gere perspectivas unânimes ou que pressuponha definições constantes e posições consensuais. De autor para autor, constatam-se sobre o mesmo fenómeno cambiantes interpretativas, noções por vezes dispares ou até mesmo antagónicas. Para designar o fenómeno a que temos vindo a chamar genericamente «combinações lexicais», proliferam uma multiplicidade de denominações diferentes, remetendo para conceitos nem sempre claramente distintos, que comportam fronteiras ténues do ponto de vista teórico. “Coocorrente”, “colocação”, “frase idiomática”, “frasema”, “fraseologia”, “concordância”, “combinatória” são só algumas das designações que se aplicam genericamente a situações em que se estabelece uma relação sintáctico-semântica privilegiada entre elementos lexicais que coocorrem em situação de proximidade. Abster-nos-emos de comentar os significados e as utilizações que destes termos fazem os diferentes autores, por ser de importância secundária no panorama que traçamos.

<sup>14</sup> Há mesmo alguns autores que defendem que o texto de especialidade, além de apresentar uma maior complexidade a nível argumentativo, pressupõe um grau de conhecimento específico do assunto muito mais elevado do que o texto literário (Cf. D. Santos, *ob.cit.*).

<sup>15</sup> Cf. R. Kocourek, *ob.cit.*, p. 183.

<sup>16</sup> Equacionando uma multiplicidade de outros importantes aspectos, a ciência da tradução preocupa-se também com o apuramento dos critérios que devem presidir à avaliação de correspondências formais e conceptuais entre textos de distintas línguas (Cf. Reiner Arntz e Heribert Picht, *Introducción a la Terminología*, Biblioteca del Libro, Fundación Germán Sánchez Ruipérez, Madrid, Ediciones Pirámide S.A., 1995, p. 190).

<sup>17</sup> No contexto da língua geral, é particularmente conhecido e citado o exemplo das unidades lexicais que nas diversas línguas designam as cores. De língua para língua, constatam-se diferenças e intersecções no significado destas unidades lexicais, uma vez que a visão do homem consegue distinguir centenas de variantes no espectro cromático. As zonas mais diversas da realidade podem encontrar diferente recorte linguístico segundo a língua em que são formuladas, dado que estas organizam de diferentes maneiras o mundo experimentado (Cf. Thomas Szende, «Problèmes d'Équivalence dans les Dictionnaires Bilingues» in Henri Béjoint et Philippe Thoiron, *Les Dictionnaires Bilingues*, Louvain-la-Neuve, Aupelf-Uref/Éditions Duculot, 1996, pp. 111-112).

<sup>18</sup> Já em 1968, Wüster reconhecia a importância deste fenómeno, ilustrando-o detalhadamente a propósito do seu dicionário inglês-francês “The Machine Tool” (Cf. R. Arntz e H. Picht, *ob.cit.*, p. 198).

<sup>19</sup> Com efeito, tal questão não levanta controvérsia na comunidade científica. A título exemplificativo, mencionemos alguns autores: Heribert Picht afirma que no domínio das línguas especializadas as condições prévias para a comparação interlinguística são mais favoráveis (Cf. *Ibid.*, p. 191). Também Thomas Szende nos diz que existem poucos signos verdadeiramente equivalentes entre as diversas línguas, apontando como excepção a este pressuposto os termos científicos e técnicos, cuja utilização está estritamente circunscrita a um domínio particular do conhecimento (Cf. T. Szende, *ob.cit.*, p. 115). Esta é igualmente a posição de Rostilav Kocourek que, com base em Halliday, nos diz que «(...) é mais provável encontrar um verdadeiro equivalente para um termo do que para as unidades lexicais de língua geral» (R. Kocourek, *ob.cit.*, p. 182). O posicionamento de André Clas é de igual forma consentâneo com o dos autores que acabámos de citar (Cf. André Clas, “Problèmes de Préparation Rédactionnelle de Dictionnaires Bilingues Spécialisés: Quelques Réflexions”, in Henri Béjoint et Philippe Thoiron, *Les Dictionnaires Bilingues*, Louvain-La-Neuve, Aupelf-Uref/Éditions Duculot, 1996, p. 210).

<sup>20</sup> Esta é a opinião, entre outros, de Picht (Cf. R. Arntz e H. Picht, *ob.cit.*, pp. 188-190) e de Lerat (Cf. Pierre Lerat, *Les langues spécialisées*, Paris, PUF, 1995, p. 95).

<sup>21</sup> Cf. R. Arntz e H. Picht, *ob.cit.*, p. 200.

<sup>22</sup> Cf. P. Lerat, *ob.cit.*, pp. 95-96.

<sup>23</sup> Cf. T. Szende, *ob.cit.*, pp. 126, 127.

<sup>24</sup> Cf. A. Clas, *ob.cit.*, p. 208.

<sup>25</sup> Ad Hermans opõe o conceito de «neologie traductive», decorrente do processo de estabelecimento de correspondentes em várias línguas, resultado directo quer da actividade dos tradutores quer do trabalho das instâncias de terminologia, ao de «néologie primaire», em que a formação de um novo termo acompanha a formação de um novo conceito em determinado sistema linguístico, consequência natural da actividade dos especialistas nas situações de trabalho (laboratório de pesquisa, fabricação de novos produtos, etc.) - Cf. Ad Hermans, «Traduction et néologie. Proposition de coopération au niveau européen» in *Actes de la conférence sur la coopération dans le domaine de la terminologie en Europe*, Paris, União Latina/AET, 2000, p. 87.

<sup>26</sup> Sandrine Olejnik, «La terminologie appliquée aux services de la traduction et de l'édition multilingue» in *Actes de la conférence sur la coopération dans le domaine de la terminologie en Europe*, Paris, União Latina/AET, 2000, p. 224.

<sup>27</sup> Rute Costa, «À nous le monde: les langagiers et l'internationalisation des marchés», texto policopiado da comunicação apresentada no Congrès Annuel 2003 – Ordre des traducteurs, terminologues et interprètes du Québec (27 de Novembro de 2003).

## Bibliografia

- ARNTZ Reiner; PICHT, Heribert. *Introducción a la Terminología*. Biblioteca del Libro, Fundación Germán Sánchez Ruipérez, Madrid, Ediciones Pirámide S.A., 1995.
- BASSNETT, Susan. *Estudos de Tradução. Fundamentos de uma disciplina*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- BLANCO, Xavier. «Lexicographie bilingue (français-espagnol) et traduction: l'exemple» in *Meta*, vol. 42, n°1, Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, 1997, pp. 134-141.
- BOULANGER, Jean-Claude; HOMME, Marie-Claude. «Les technolèctes dans la pratique dictionnaire générale: quelques fragments d'une culture» in *Meta*, vol. 36, n° 1, Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, 1991, pp. 23-40.
- CLAS, André. "Problèmes de Préparation Rédactionnelle de Dictionnaires Bilingues Spécialisés: Quelques Réflexions" in Henri Béjoint et Philippe Thoiron, *Les Dictionnaires Bilingues*, Louvain-La-Neuve, Aupelf-Uref/Éditions Duculot, 1996, pp. 199-211.
- COSTA, Rute. "À nous le monde: les langagiers et l'internationalisation des marchés», texto policopiado da comunicação apresentada no Congrès Annuel 2003 – Ordre des traducteurs, terminologues et interprètes du Québec (27 de Novembro de 2003).
- FONTENELLE, Thierry. «Towards the construction of a collocational database for translation students» in *Meta*, 39, n°1, Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, 1994, pp. 47-56.
- GAUDIN, François. «Champs, clôtures et domaines: des langues de spécialités à la culture scientifique» in *Meta*, vol. 40, n° 2, Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, 1995, pp. 230-237.
- HERMANS, Ad. «Traduction et néologie. Proposition de coopération au niveau européen» in *Actes de la conférence sur la coopération dans le domaine de la terminologie en Europe*. Paris, União Latina/AET, 2000, pp. 87-90.
- KOCOUREK, Rostilav. *La langue française de la technique et de la science*. Paris, La documentation Française, 1982.
- HALVERSON, Sandra. «Translation studies and representative corpora: establishing links between translation corpora, theoretical/descriptive categories and a conception of the object of studie» in *Meta*, vol. 43, n° 4, Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, 1998, pp. 2-22.
- LAVIOSA, Sara. «The corpus-based approach: a new paradigm in translation studies» in *Meta*, vol. 43, n° 4, Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, 1998, pp. 2-6.
- LERAT, Pierre. «Compétence rédactionnelle et compétence technique. À propos de subrogation» in *Meta*, vol. 40, n° 2, Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, 1995, pp. 245-249.
- LERAT, Pierre. *Les langues spécialisées*. Paris, PUF, 1995.
- MANIEZ, François. «Extraction d'une phraséologie bilingue en langue de spécialité: Corpus parallèles et corpus comparables» in *Meta*, vol.46, n° 3, Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, 2001, pp. 553-562.
- MANUELITO, Helena. *A Terminologia da Franquia, Franchise ou Franchising – a problemática da ambiguidade num vocabulário não harmonizado*. Lisboa, F.C.S.H./U.N.L., 1995 (tese de mestrado policopiada).
- MONTERO-MARTINEZ, Silvia; FUERTES-OLIVERA, Pedro A.; GARCIA DE QUESADA, Mercedes. «The translator as "Language Planner": Syntactic Calquing in na english-spanish technical translation of chemical engineering» in *Meta*, vol. 46, n° 4, Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, 2001, pp. 687-698.
- OLEJNIK, Sandrine. «La terminologie appliquée aux services de la traduction et de l'édition multilingue» in *Actes de la conférence sur la coopération dans le domaine de la terminologie en Europe*. Paris, União Latina/AET, 2000, pp. 224-225.

- PEREIRA, Victor, «Terminology: Reflections from de point of view of a specialised translator», in *Actes de la conférence sur la coopération dans le domaine de la terminologie en Europe*, Paris, União Latina/AET, 2000, pp. 299-300.
- POTVIN, Diane, «Le terme et sa famille lexicale» in *Travaux de Terminologie*, n° 2, Québec, Université Laval, Junho, 1982, pp. 93-114.
- REY, Alan, *La terminologie: noms et notions*, Paris, Puf, 1979.
- RONDEAU, Guy, *Introduction a la Terminologie*, 2ª ed.; Québec, Gaetan Morin Éditeur, 1984.
- SANTOS, Diana, «Impacto das Novas Tecnologias. O computador e a tradução» in [http://www.nca.pt/premio.traducao/trabalho/seminario99/diana\\_santos.htm](http://www.nca.pt/premio.traducao/trabalho/seminario99/diana_santos.htm), 1999 (04-03-2002).
- SVENSÉN, Bo, *Practical Lexicography*, Oxford, OUP, 1993.
- SZENDE, Thomas, «Problèmes d'Équivalence dans les Dictionnaires Bilingues» in Henri Béjoint et Philippe Thoiron, *Les Dictionnaires Bilingues*, Louvain-la-Neuve, Aupelf-Uref/Éditions Duculot, 1996, pp. 111-112